



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA



**UFSC NA MÍDIA - CLIPPING
21 e 22 de julho de 2012**

Diário Catarinense

Serviço

"HPV"

Centro de Pesquisa Clínica Projeto HPV / Hospital Universitário da UFSC / Encontro Catarinense de Experts em HPV / Auditório da Reitoria

• **HPV** - Em comemoração ao 10^a Aniversário do Centro de Pesquisa Clínica Projeto HPV do Hospital Universitário da UFSC, será realizado o primeiro Encontro Catarinense de Experts em HPV. O evento ocorre nos dias 10 e 11 de agosto no auditório da Reitoria, em Florianópolis. As inscrições estão abertas. Informações: (48) 3233-6798.

Diário Catarinense

Cultura

"Para degustação"

Sérgio Medeiros / Editora da UFSC / Totens

Para degustação

O poeta e escritor Sérgio Medeiros, que também dirige a editora da UFSC, lançou novo livro este mês. Com o título de *Totens*, leva o selo da editora Iluminuras. Uma coletânea de poesia e prosa poética de impacto e de refinada elaboração, que alinha o autor aos melhores poetas contemporâneos do país. Eis aí um livro que é para ser "degustado", como vinho de boa safra. Por conhecedores.

Notícias do Dia

Geral

"Pré-Vestibular: Dez mil inscritos"

Curso Pré-Vestibular da UFSC / Secretaria de Estado da Educação / Inscrições

PRÉ-VESTIBULAR

Dez mil inscritos

O curso Pré-Vestibular da UFSC, em parceria com a Secretaria de Estado da Educação, encerrou as inscrições do processo seletivo com 10 mil candidatos para as 3.200 vagas. A lista dos candidatos selecionados para participar do projeto será divulgada no dia 7 de agosto, no site www.prevestibular.ufsc.br. As aulas começam dia 13 de agosto.

Notícias do Dia Geral

“Audiência confirmada”

Ministério Público Federal – MPF / Fatma / Ibama / Construtora Hantei / Parque Hotel
Marina Ponta do Coral / Vara Federal Ambiental / ICMBio / UFSC / Floram

Audiência confirmada

Ponta do Coral. Fatma garante reunião pública para quarta-feira

FLORIANÓPOLIS — A audiência pública que irá debater o projeto Parque Hotel Marina Ponta do Coral está mantida para a próxima quarta-feira, às 19h, na Sociedade Novo Horizonte. A confirmação foi feita na sexta-feira pela Fatma (Fundação do Meio Ambiente), um dia depois do MPF (Ministério Público Federal) propor ação civil pública questionando o licenciamento do empreendimento.

A diretoria da Hantei, empresa responsável pelo empreendimento, afirmou que todo trâmite para obtenção do licenciamento e para a realização da audiência pública está dentro da lei e sendo feito de maneira transparente. “A decisão de conceder ou não a licença é do órgão ambiental, mas nós estamos fazendo a nossa parte de maneira correta, legal, democrática e transparente, por isso estamos tranquilos”, afirmou Aliator da Silveira, diretor da empresa.

O MPF questiona o fato de o licenciamento estar sendo feito pela Fatma, e não pelo Ibama

(Instituto Brasileiro do Meio Ambiente). Porém, em duas oportunidades, uma em 2010 e outra em 2011, o Ibama/DF, por meio da diretoria de licenciamento, afirmou que a competência para coordenar o licenciamento da obra era do órgão estadual de meio ambiente. A Fatma, por sua vez, em momento algum questionou a sua competência para isso.

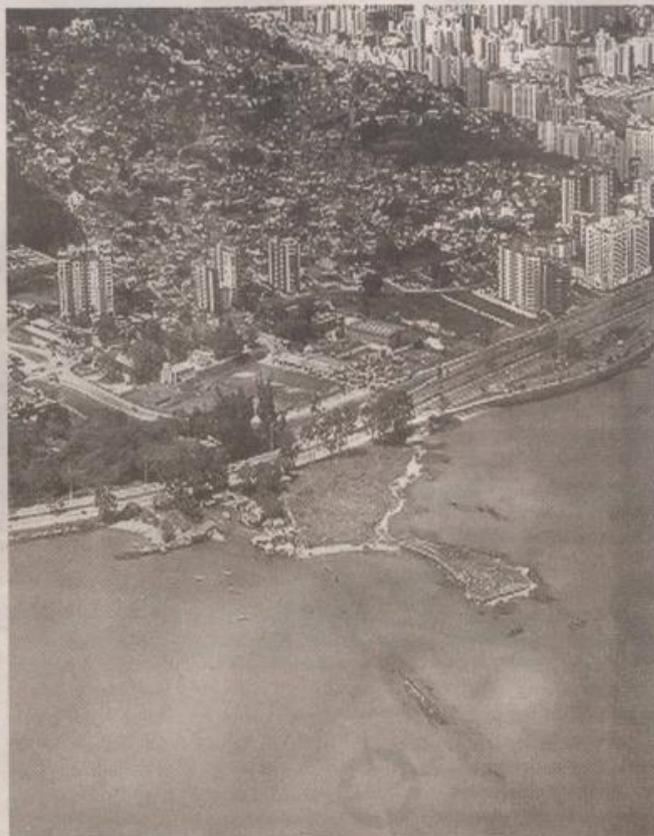
O segundo fundamento da ação do ministério seria a necessidade de o ICMBio e a Floram/UFSC, como gestores de algumas unidades de conservação, terem que autorizar o licenciamento ambiental. Esta também é uma exigência que já foi afastada pela própria Vara Federal Ambiental, quando afirmou que a posição - seja favorável ou contrária - do ICMBio



IMPASSE

Ministério Público Federal pediu anulação da licença do projeto do parque hotel

não poderia vincular nenhuma decisão da Fatma. Em junho, o juiz titular da Vara Federal Ambiental, Júlio Schattschneider, sentenciou que o ICMBio não tem competência autorizativa no processo de licenciamento do Parque Hotel Marina Ponta do Coral.



Beira-mar Norte. Ponta do Coral deverá receber empreendimento milionário

DANILO GARCIA/IMP

Notícias do Dia Economia – Adriana Baldissarelli

“Um olhar sempre mais à frente”

Guilherme Marco de Lima / Jornada de Inovação e Competitividade / Fiesc / UFSC / Embraco / Whirlpool / Anpei



ADRIANA BALDISSARELLI
panorama@noticiasdodia.com.br
@abaldissarelli

PANORAMA

Um olhar sempre mais à frente

Esta semana, Guilherme Marco de Lima esteve, pelo menos, na Jornada de Inovação e Competitividade da Fiesc e no Ministério da Ciência e Tecnologia, ajudando a acelerar o desenvolvimento nacional e a melhorar a capacidade de inovação brasileira. Engenheiro sanitarista formado pela UFSC, gestor corporativo de Relações Institucionais em P&D da Embraco, líder mundial no merca-

do de compressores herméticos para refrigeração, e da Whirlpool, maior fabricante mundial de eletrodomésticos, o joinvilense também é vice-presidente da Anpei, a associação das empresas inovadoras que reúne dois terços do investimento privado em inovação e faz a mediação com as 59 frentes de fomento público que há no Brasil. Aqui, trechos da conversa que está completa no www.ndonline.com.br.



FOTO: ADRIANA BALDISSARELLI/ND

Anda devagar

No Brasil, há um dever de casa sendo feito, mas a velocidade de resposta fica aquém da esperada e, pior, nos últimos dois anos houve cortes de recursos de 22% e 25% no orçamento federal para inovação, contramão da tendência mundial.

Investimentos

Hoje, 50% dos investimentos são públicos e 50% privados, chegando a 1,13% do PIB. Na média da OCDE são 2,2% do PIB dos países e a alocação privada, nos países desenvolvidos, é maior do que a pública. No Brasil se investe menos da metade e o investimento privado tem de crescer.

No cotidiano

Inovação não é feita só por aquele pesquisador de jaleco branco com óculos de professor Pardal. A inovação tem de estar no dia-a-dia, em coisas simples, e aí a educação básica é fundamental. Hoje, as engenharias, que são base para as empresas inovarem, formam em torno de 5%

dos egressos do ensino superior no Brasil. Se considerar as ciências duras, arquitetura e etc, vai a 10%. Na China são 40%. Não é que não precise formar em direito, administração, mas há um descompasso, influenciado pelas competências básicas para inovação. Não temos formação de base forte para a inovação. Aqui, patente parece um assunto longe do dia-a-dia; no Japão é cadeira do ensino fundamental; ou empreendedorismo, que é cadeira no ensino fundamental na Europa.

Para se manter

A inovação é para se manter no mercado. Não pode mais existir a visão de que a empresa vai deixar de inovar e de ser mais competitiva porque o seu mercado é esse aqui, na região de Florianópolis, por exemplo, no máximo vai até Biguaçu. Isso não existe mais, o mundo é global, os chineses vêm competir aqui. Hoje, apenas 4% das empresas brasileiras conseguem inovar em nível nacional. Então, significa que estamos abrindo as portas para uma desindustrialização,

que a indústria de transformação hoje representa o mesmo que representava na balança comercial na época de JK.

Exemplo

A Embraco não é uma empresa que faz compressor de geladeira, mas uma empresa que desenvolve soluções de refrigeração. Queremos saber qual a necessidade de refrigeração, para qual direção vai caminhar esse mercado.

Delta de energia

O consumo de energia elétrica de um refrigerador era muito alto e, fruto da tecnologia, tem se conseguido uma eficiência energética de 23% nos últimos três anos. Por exemplo, no mercado de hoje, com o desempenho da década de 1970, seria preciso a produção de duas e meia Itaipu por ano para suprir a demanda de energia.

Desafio tecnológico

Nesse caminho diferente, um modelo

superforte é o lançamento de um refrigerador Consul frost-free de uma porta. A dona de casa não gosta de fazer o degelo e tinha uma geladeira de duas portas ou de uma porta que congelava todo o freezer. A Whirlpool foi a primeira empresa do Brasil a lançar essa tecnologia de frost-free para uma porta. Foi um desafio tecnológico gigante, para desenvolver uma geladeira assim, mantendo os níveis de preço e de penetração no mercado. Seria fácil desenvolvê-la e cobrar três vezes mais caro, difícil era manter o preço.

Primeira linha

Santa Catarina tem universidades de primeira linha, não é só a UFSC, que é muito forte; a formação de recursos humanos é muito forte no Estado, temos cada vez mais grandes empresas vindo para a região. É mais uma questão de fazer acontecer a inovação, porque tem mercado, espaço e competência de sobra.

Tradução / Sérgio Medeiros / Editora da UFSC / Dirce Waltrick do Amarante / James Joyce / Lincoln Fernandes / Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC - PGET / Walter Costa / Luciana Hasser / Salim Miguel / Berthold Zilly / Guimarães Rosa / Euclides da Cunha / Elis Liberatti / Turma da Mônica / Chico Bento

4/5 PLURAL - NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 21 E 22 DE JULHO DE 2012

Caminhos da tradução

Fidelidade. Tradutores trabalham com extensa pesquisa para transpor obras da literatura a outras línguas, sem perder a identidade do original

CAROLINA MOURA
carolina.moura@noticiasodia.com.br
@carolinamf_ND

FLORIANÓPOLIS — Ernest Hemingway, o escritor norte-americano de estilo limpo e sem floreios, leu Fyodor Dostoiévsky e foi influenciado por ele. Sem dominar a língua russa, porém, ele leu a tradução de Constance Garnett — inglesa que traduziu 71 volumes da literatura russa, e que por extensão também foi uma influência no texto de Hemingway.

Uma coisa que passa despercebida pela maioria das pessoas que andam pelas prateleiras de literatura estrangeira nas livrarias, a tradução é fundamental na literatura. "Se não fosse pela tradução, o que entendemos por cultura não existiria. Cultura é um diálogo entre culturas,

e a tradução é a voz desse diálogo", diz Sérgio Medeiros, poeta, tradutor e diretor da Editora da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina).

Ele e sua mulher, Dirce Waltrick do Amarante, publicaram recentemente "James Joyce. De santos e sábios", coletânea de ensaios do irlandês. Eles agora trabalham na conversão de uma coletânea de cartas endereçadas a Nora Joyce, mulher do autor.

Com prateleiras cheias de material de pesquisa para suas traduções, o casal tem grande rigor para manter a identidade do original. "Primeiro eu leio tudo para poder entender aquela linguagem. Ai vou tentar transpor ela para o português", conta Dirce. "A gente tenta manter a complexidade ou a simplicidade de Joyce", diz

Sérgio, lembrando que a ciência, porém, não é exata — toda tradução é, no fim das contas, uma interpretação.

"Todo tradutor faz escolhas e elas estão presentes em todo o texto. Alguns de uma maneira mais proeminente, outras de maneira menos, mas a presença é inevitável", diz o professor Lincoln Fernandes, do Pget (Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução) da UFSC. O que faz a diferença é como o tradutor faz essas escolhas. "Eu acho que o tradutor tem que justificar o que ele faz dentro do estilo do autor", defende Dirce.

“*Cultura é um diálogo entre culturas, e a tradução é a voz desse diálogo*”

SÉRGIO MEDEIROS,
TRADUTOR, ENTRE
OUTROS, DE JAMES
JOYCE

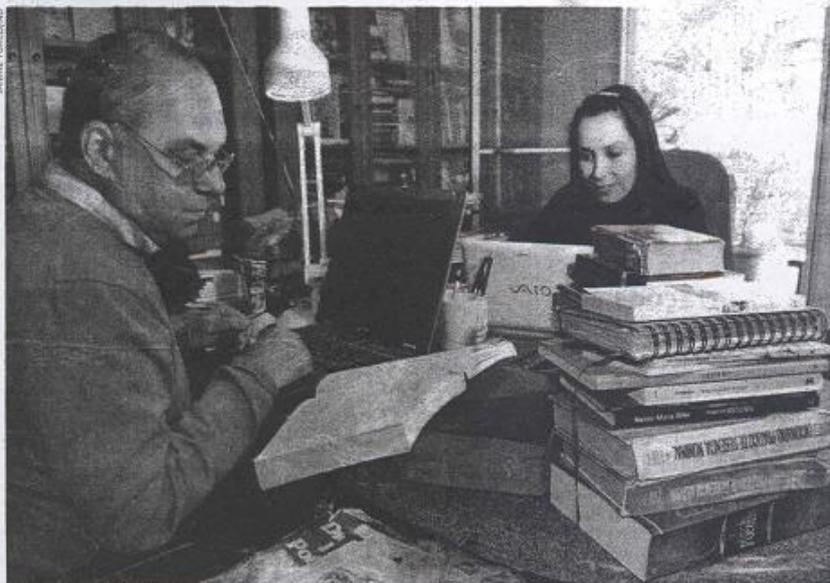
Desafio sertanejo-germânico. O alemão Berthold Zilly está morando em Florianópolis, de onde trabalha na tradução de "Grande Sertão: Veredas", obra emblemática do recreador de linguagem Guimarães Rosa

De Santa Catarina para o mundo

Florianópolis se tornou um importante núcleo de tradução, e isso acontece em um momento positivo no país. "Eu acho que a gente está em um momento bastante rico na tradução literária no Brasil. E Florianópolis está vivendo uma vanguarda, é o maior centro de estudos de tradução do país", diz o professor Walter Costa, do Pget da UFSC, a primeira das pós-graduações em tradução no Brasil a ser criada.

Quando se trata da difusão dos autores locais através da tradução para outras línguas, porém, o processo ainda está começando. Luciana Hasser, que também é professora no Pget, é um exemplo de quem investiu nesse trabalho. Em 2007 ela e o francês Jean-José Mesguen publicaram a primeira tradução de um romance completo de Salim Miguel, "Primeiro de abril: narrativas da cadeia" em francês. A segunda tradução do autor, de "Nur na escuridão" para o árabe, por Youssef Mousmar, está em andamento.

"O tradutor tem também esse papel de fazer existir na língua estrangeira um texto do autor", diz Luciana. Daí vem a importância de traduzir autores do Sul do Brasil, uma tarefa que ela assumiu, tendo publicado em francês também "Pequod", do gaúcho Vitor Ramil. "Assim a gente faz existir um país que não é aquele exótico, tropical. É a contracorrente, um exótico dentro do exótico", observa ela. A boa notícia é que a Biblioteca Nacional tem um plano para investir com peso na tradução de autores brasileiros nos próximos vinte anos. É mais uma oportunidade que pode ser aproveitada pelos catarinenses.



O casal Sérgio Medeiros e Dirce Waltrick do Amarante trabalha junto em algumas traduções, como nas obras do irlandês James Joyce



Linguagens do sertão

Tarefa ambiciosa é a de Berthold Zilly, alemão que trabalha na UFSC como professor visitante há um ano. Ele tem o prazo até 2015 para entregar sua tradução de "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa. O livro já foi traduzido para o alemão nos anos 1960 por Curt Meyer-Clason, que inclusive dialogou com o autor, mas essa tradução se demonstrou insuficiente e a editora encomendou a Zilly uma nova leitura.

"Ele [Meyer-Clason] optou por uma estratégia que eu chamaria de assimiladora, de popularizadora. Ele criou um alemão bonito, inventivo, mas de fácil acesso. Ou seja, ele não recriou o caráter semiemigmático do livro", diz o novo tradutor. Em seu trabalho, Zilly tenta esmiuçar o estilo único de Guimarães Rosa, com seu vocabulário próprio, cheio de neologismos, e sua sintaxe inovadora. "Primeiro você tem que entender isso, depois tem que criar em outro idioma uma linguagem tão original quanto a dele."

A tradução é uma atividade

que Zilly, hoje com 67 anos, começou aos 50. Sua tradução para o alemão de "Os Sertões", de Euclides da Cunha, até então inédito nessa língua, foi um projeto que ele assumiu para melhor compreender o livro e para compartilhá-lo com seus alunos de literatura brasileira. Conseguir uma editora para publicar o texto de um autor até então desconhecido na Alemanha não foi fácil, mas teve bons resultados. "A recepção foi muito boa, quase que entusiástica. O livro foi considerado uma descoberta, ninguém esperava que fosse tão impressionante tanto em termos literários quanto em termos de análise de problemas sociais", conta o tradutor.

Apesar da extensa pesquisa de língua portuguesa, da história brasileira, das características dos períodos, locais e personagens retratados nos livros, e da experiência sensorial de ter visitado o sertão, Zilly nega que seja possível criar uma tradução definitiva. A sua é mais uma interpretação, e virão outras.



Chico Bento americano

A tradutora Elis Liberatti, de 25 anos, decidiu propor uma tradução para o inglês dos quadrinhos da Turma da Mônica em sua dissertação de mestrado na UFSC. Ela selecionou duas histórias do personagem Chico Bento e fez sua pesquisa para tentar transpor esse personagem essencialmente brasileiro para o público infantil norte-americano. "Eu queria uma coisa mais desafiadora e o Chico Bento tem essa linguagem não-padrão, que a gente chama de pseudo dialeto caipira", diz Elis. O Chico Bento americano, chamado de Chuck Billy, fala tão caipira em inglês quanto o brasileiro em português.

Outra peculiaridade do trabalho de Elis é a linguagem visual dos quadrinhos. "Os quadrinhos têm o texto não-verbal, que tem que

complementar o texto verbal ou fazer referência, nunca pode ir contra", diz a tradutora. Como geralmente apenas o texto escrito é adaptado, esse é mais um desafio, já que mesmo as imagens podem não ter significado universal.

Há também preocupações com a censura, o que é adequado para crianças, que pode mudar de uma cultura para outra. E a linguagem também tem especificidades. "Se você for traduzir um texto infanto-juvenil, você tem que levar em conta que esta escrevendo para um grupo que está desenvolvendo a habilidade da leitura, não pode ter muitos nomes complicados, estruturas linguísticas que possam criar uma barreira", diz o professor Lincoln Fernandes, que orientou Elis na dissertação.

Caipira. Elis Liberatti traduziu o Chico Bento para o inglês, que virou Chuck Billy e fala tão caipira quanto o original brasileiro

Diário Catarinense - Serviço

"Idoso"

Núcleo de Estudos da Terceira Idade da UFSC – NETI / 30 anos / Centro de Cultura e Eventos da UFSC

Idoso - Estão abertas as inscrições para o encontro comemorativo dos 30 anos do Núcleo de Estudos da Terceira Idade, que ocorre nos dias 20 e 21 de agosto, no Centro de Cultura e Eventos da UFSC, na Capital. Grupos de idosos interessados em se apresentar podem contatar o Neti até 10 de agosto. Informações: (48) 3721-9909.

Diário Catarinense - Geral

"Correções"

Formatura / UFSC / Enfermagem / Farmácia

Correções

A primeira formatura deste ano, de quem concluiu os estudos no primeiro semestre na UFSC, foi de Enfermagem, e ocorreu na quarta-feira, e não na quinta-feira, conforme informado na página 22, na edição de sexta-feira.

Já a formatura do curso de Farmácia foi a segunda da temporada e não a primeira. A foto da mesma página é de Flávio Neves. Na edição, ela saiu sem o crédito.

Diário Catarinense - SC no Planalto

"Solução à vista"

Ministério da Educação - MEC / Universidade federal em Blumenau / FURB / UFSC / Engenharia Têxtil

Solução à vista

O Ministério da Educação (MEC) promete apresentar, no começo da semana, a proposta de criação do campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em Blumenau, aproveitando a estrutura da universidade regional da cidade, a Furb. A área jurídica do MEC tenta encontrar uma forma de viabilizar

o projeto, que ainda depende de ajustes técnicos e políticos. De forma gradativa, a UFSC oferecerá cursos em Blumenau usando salas de aula, laboratórios, professores e servidores da Furb, estes, cedidos à federal catarinense. Nos bastidores, fala-se em iniciar o projeto com cinco cursos, entre eles, o de Engenharia Têxtil.

EDUCAÇÃO

UFSC recebe estudantes de Letras

Evento, que começa neste domingo, deve reunir 1,8 mil alunos de todo o Brasil, na Capital

A partir deste domingo até o dia 28, a Universidade Federal de Santa Catarina recebe pela primeira vez o Encontro Nacional de Estudantes de Letras – Enel 2012. É a 33ª edição do evento, que tem como tema **A Sociedade em transição: Conhecimento como prática de liberdade**.

Já são 1,5 mil participantes confirmados, mas os organizadores estimam a chegada de 1,8 mil estudantes de todo o país. As apresentações científicas acontecerão no Centro de Comunicação e Expressão e as culturais na tenda montada na frente à reitoria.

O evento propõe uma nova meto-

dologia para que os acadêmicos se vejam como construtores do encontro, e não como consumidores.

Inovação na construção do conhecimento

Para isso, ao se credenciar, os participantes vão se engajar também em uma das cinco brigadas, que serão grupos de trabalho responsáveis pelo horário do evento, alimentação, segurança, limpeza e sistematização.

– É uma forma de diminuir os custos do evento e também fazer com que os estudantes se sintam parte da organização – explica Hendrick Rodrigues, aluno da sexta-fase do curso de Letras Alemão na UFSC

Serviço

- **O quê:** 33ª Enel 2012
- **Onde:** Centro de Comunicação e Expressão da UFSC, na Capital
- **Quando:** a partir deste domingo até o dia 28
- **Site:** enelsul.pagins.ufsc.br

e da comissão organizadora.

O Enel 2012 também quer inovar na construção do conhecimento. Os formatos tradicionais de mesas de debates, palestras e seminários darão lugar a círculos de discussão. Na programação cultural estão reservados espaços para manifestações de todas as regiões brasileiras.

“Greve nas federais: Professores apresentam proposta”

Professores / Greve / Ministério da Educação / Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior – Andes / Negociação / Contraproposta

GREVE NAS FEDERAIS

Professores apresentam proposta

Nesta segunda-feira, docentes das universidades vão reivindicar ao governo índices de reposição que acompanham a inflação

Brasília

Os professores de universidades federais, em greve há mais de dois meses, irão apresentar nesta segunda-feira uma contraproposta à oferta de reajuste salarial feita pelo Planalto, através do Ministério da Educação.

No último dia 13, os docentes receberam uma proposta de reajuste que varia de 12% a 40%. Somado ao aumento já concedido em março, o reajuste máximo chega a 45%.

Segundo Márcia Aparecida Jacomini professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), as centrais sindicais de cada universidade tinham até quinta-feira para definir um posicionamento.

– Todos decidiram pela continuidade da greve e pela rejeição da proposta – disse.

Os docentes argumentam que o aumento – a ser implementado até 2015 – não inclui a inflação prevista para o período e que o plano de carreira proposto é insatisfatório.

45

por cento é o índice máximo de reajuste na formulação feita pelo Ministério da Educação

De acordo com a presidente da Associação dos Docentes da Unifesp, Virginia Junqueira, o Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (Andes) deve reunir decisões de cada universidade para chegar a uma contraproposta.

Os novos termos de negociação ainda deverão ser votados por representantes das instituições até este domingo. A oferta do governo inclui os docentes de institutos federais. Ao todo, abrangeria 143 mil servidores, entre ativos e inativos.

Segundo Jacomini, só dois dos 13 níveis de remuneração teriam aumento, se considerada a inflação. Os demais patamares salariais não só não teriam aumento real, como sofreriam perda.

Para Junqueira, o novo plano de carreira proposto pelo governo é to-

talmente desordenado e não possui critérios claros de progressão.

– Nós gostaríamos que essa fosse a última greve que nós precisamos fazer pelo plano de carreira. Mesmo que a proposta salarial não seja a dos nossos sonhos, a de carreira deve ser – afirma Junqueira.

O Palácio do Planalto afirma que a proposta aos professores das universidades federais é definitiva e que o aumento teria impacto de R\$ 3,9 bilhões nos cofres públicos. O orçamento do Ministério da Educação, em 2012, é de R\$ 85 bilhões.

A Notícia

Cláudio Prisco

“Desindustrialização”

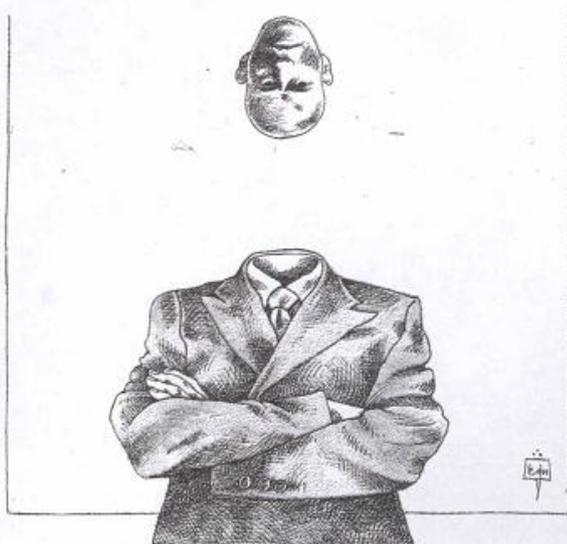
UFSC / Fiesc / Santa Catarina / Indústria de transformação / Duplicação da BR 101 / Unisul

Desindustrialização

A Fiesc também está desenvolvendo estudos, com o apoio de professores da UFSC, para avaliar se há de fato um processo de desindustrialização em curso na indústria de transformação de Santa Catarina, além de fazer uma radiografia de como estão cada uma das atividades industriais. O trabalho será apresentado agora em agosto.

E finalmente o Sistema Fiesc examina o impacto do atraso na duplicação da BR-101: a Unisul realiza um trabalho que busca dimensionar o prejuízo na lentidão das obras do trecho Sul, especialmente no contexto regional (Tubarão, Criciúma, Araranguá e Imbituba). A expectativa é que o material subsidie a busca de compensações pelas áreas afetadas.

Manifestações / Fórum Nacional das Entidades dos Servidores Públicos Federais /
Esplanada dos Ministérios / Greve / Presidente Dilma Rousseff / Ministério do
Planejamento e Gestão / Constituição Federal / Direito de greve / Corte de ponto /
Desconto salarial



ENTRE O DIREITO E O ABUSO

O país acompanhou esta semana desconcertantes manifestações de servidores públicos por melhores salários e reformas em seus planos de carreira.

Comandados pelo Fórum Nacional das Entidades dos Servidores Públicos Federais, que reúne 33 associações sindicais, milhares de funcionários em greve fizeram passeatas em Brasília, pararam o trânsito na Esplanada dos Ministérios, bloquearam a entrada de instituições públicas e gritaram palavras de ordem contra o governo, acusando-o de utilizar a crise econômica como pretexto para não atender às suas reivindicações. Na semana anterior, depois de ter sido vaiada em São Bernardo do Campo e no Rio de Janeiro por manifestantes, a presidente Dilma Rousseff chegou a autorizar o Ministério do Planejamento e Gestão a cortar o ponto dos grevistas.

A greve é um direito do trabalhador, seja ele pertencente à iniciativa privada ou ao serviço público. Este direito está garantido a todos os brasileiros pelo artigo 9º da Constituição Federal. Já o capítulo da Carta destinado à Administração Pública diz, no seu artigo 37, que o direito de greve do servidor público será exercido nos termos e nos limites definidos em lei especí-

As greves do setor público tornaram-se muito mais frequentes do que no setor privado, onde o mesmo direito do trabalhador tem uma contrapartida rigorosa em suspensão de pagamento e até mesmo em demissão

fica. Como a referida lei não foi adotada até hoje, fica o vácuo legislativo para interpretação de julgadores, que raramente admitem qualquer penalização aos servidores grevistas.

Mesmo quando o Executivo autoriza corte de ponto e desconto salarial, a regra geral tem sido a anistia. Por isso, as greves do setor público tornaram-se muito mais frequentes do que no setor privado, onde o mesmo direito do trabalhador tem uma contrapartida rigorosa em suspensão de pagamento e até mesmo em demissão.

Só que as paralisações do serviço público costumam causar danos maiores à sociedade, pela absoluta inexistência de alternativa para os usuários. Quando os professores universitários suspendem suas atividades, como vem ocorrendo há

mais de dois meses, milhares de estudantes ficam impossibilitados de dar sequência aos estudos e de galgar outros degraus de sua formação. Quando os trabalhadores da saúde pública cruzam os braços, a população mais carente fica sem atendimento. Quando os agentes da burocracia oficial param de trabalhar, os cidadãos ficam sem soluções para suas demandas.

Não é o governante, o ministro ou mesmo o reitor da universidade que sofre o maior dano numa paralisação. É o cidadão, o contribuinte, o estudante. Para estes, portanto, não é justo que o servidor inadimplente com o seu trabalho, por mais justa que seja a sua causa, não arque com as consequências de sua decisão. Obviamente, os cidadãos também preferem que os seus representantes no setor público sejam dignamente remunerados, até mesmo para que possam receber deles serviços qualificados. Mas não podem aceitar como normal a suspensão por tanto tempo de atividades essenciais sem que os grevistas sejam devidamente responsabilizados. E responsabilização significa, sim, como propõe a presidente Dilma, corte do ponto e desconto salarial de quem não comparece ao trabalho nem executa as funções para as quais foi contratado.

Sem contrapartida, o direito se transforma em abuso.

O editorial ao lado foi publicado antecipadamente no site do Diário Catarinense. Os demais comentários de leitores sobre a opinião desta página estão no endereço eletrônico diario.com.br



Concordo, pois o cidadão ao prestar um concurso público ele tem conhecimento de seus direitos, seus deveres e obrigações. Tem ciência do bom salário que irá ganhar e da estabilidade que terá, coisa que não acontece na iniciativa privada. Os servidores são os que ganham os melhores salários e benefícios, além de boas condições de trabalho. Quem não estiver contente que peça exoneração. Se está de greve e não trabalha não tem direito a receber seu salário e benefícios, pois está indo contra os princípios de um "servidor público".

Jussemir Martins
Florianópolis

Se o governo continuar pagando os salários os grevistas não terão motivos para voltar ao trabalho. Sabemos que algumas reivindicações são justas mas temos que pensar por exemplo nos estudantes que batalharam tanto pra entrarem em uma universidade e, agora, estão perdendo com essa paralisação. Para os professores esta muito cômodo ficar em casa e receber seus salários, queria ver se fosse cortado, até que dia essa greve ia durar.

Romilda Barbosa
São Lourenço do Oeste



E a contrapartida do governo em relação aos grevistas? Já se passaram dois meses da greve dos professores, por exemplo, e o governo mal se mexeu para negociar. E dia desses aparece uma proposta, que só beneficia o professor doutor em topo de carreira, que é a minoria. O governo está pedindo pela greve! Não adianta responsabilizar apenas os grevistas. O governo tem grande parcela de culpa nisso. Se ele estivesse disposto a negociar, não haveria greve por dois meses. Começar a descontar os salários e continuar sem negociar, com propostas irrelevantes, apenas passará a contrapartida da greve aos grevistas.

Luiz Soares
Florianópolis

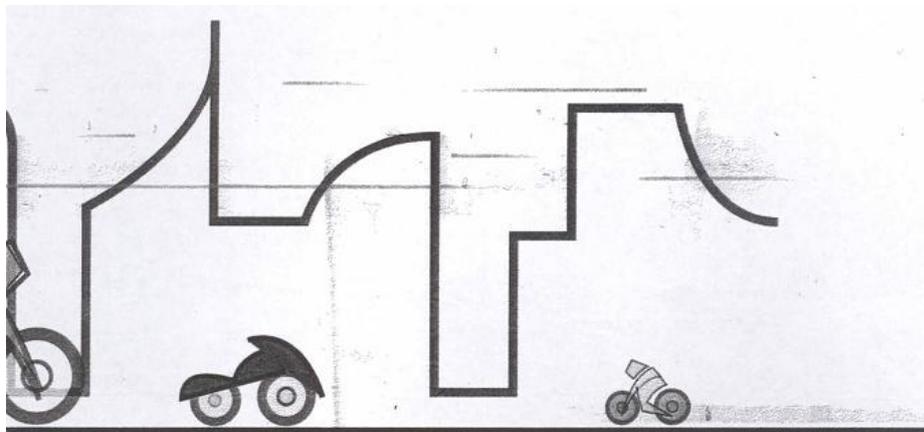
Quem deve ser responsabilizado é o poder público, tanto estadual como federal. O Brasil é um dos raros países do mundo onde se faz greve para receber o que é de direito. Temos como exemplo o ex-governador e, agora, senador, Luiz Henrique da Silveira, que além de, ao ser eleito, criar uma estrutura para ir ao Senado, certa feita criou uma lei que garantia o aumento dos policiais militares. Lei essa nunca cumprida, tampouco questionado pelo Ministério Público.

Paulo Gonçalves
Florianópolis

A Notícia - Caderno Anexo

“É preciso uma mudança de paradigma”

Acires Dias / Centro de Engenharia da Mobilidade / UFSC – Campus Joinville / Mobilidade urbana / Setor rodoviário / Veículo motorizado individual / Deslocamento de pessoas / Pedestres / Ciclistas / Transporte não-motorizado / Calçadas / Ciclovias / Ciclofaixas / Bicletários / Transporte coletivo / Joinville



É preciso uma mudança de paradigma



ACIRES DIAS,
engenheiro
mecânico e
professor
universitário

PERFIL

■ É diretor-geral do Centro de Engenharia da Mobilidade e do campus da UFSC de Joinville. Fez doutorado em projeto e mecânica dos sólidos na Unicamp e pós-doutorado em confiabilidade e análise de risco na Universidade de Maryland, nos Estados Unidos.

O tema da mobilidade urbana ganhou importância e popularidade no Brasil. Neste ano, por certo, será destaque entre os postulantes às prefeituras. Por isso, trazemos uma visão ampliada da temática para situar o leitor no contexto atual. A ideia é apontar para o futuro. Contudo, uma reflexão sobre o passado pode ajudar na compreensão do presente.

Houve época no Brasil em que nosso comércio dependia muito da infraestrutura naval, fluvial, portuária. A navegação de cabotagem se fazia pelo mar e pelos rios. O Brasil se tornou importante com este modal de transporte e chegou a ter uma grande indústria naval. Ainda no passado, para levar o desenvolvimento a regiões distantes do litoral, foram feitos grandes investimentos em ferrovias que singraram o País em várias direções, impactando e criando novos espaços de desenvolvimento.

A partir de 1950, ganhou força o transporte rodoviário e, a partir dele, planejou-se um novo patamar de nosso desenvolvimento. Os caminhões, ônibus e automóveis representavam a “modernidade” do Brasil. Este modal ajudou na industrialização e na agilização dos deslocamentos nos centros urbanos e favoreceu o desenvolvimento de regiões e áreas que estavam distantes dos meios de transporte naval e ferroviário, por isso foi e ainda é muito importante.

A problemática foi centralizar o desenvolvimento no setor rodoviário, tanto para as cidades quanto para as regiões metropolitanas. Simplesmente, deixou-se de investir nos outros modais. Além disso, procedeu-se à desativação de várias ferrovias, portos, fábricas de trens, vagões e estaleiros. Ao final do século 20, as indústrias naval e ferroviária praticamente inexistiam no País.

O que tudo isso tem a ver com a mobilidade nos dias atuais? Como se refletiu na mobilidade urbana? Como nos afeta hoje?

O modelo de desenvolvimento adotado pela nossa sociedade nestes últimos 60 anos concentrou-se na construção de estradas, ruas e avenidas para o deslocamento de veículos. Brasília, inaugurada em 1960, é a síntese mais emblemática desta visão de desenvolvimento. Foi planejada para o transporte rodoviário, coletivo e individual, centrada no caminhão, ônibus e automóvel. O mesmo também ocorreu em outras cidades brasileiras. Em maior ou menor grau, padecem, nos dias de hoje, de grandes congestionamentos, atrasos nos trajetos, desperdício de tempo e acidentes de trânsito.

E o motivo não é o acesso ao consumo do automóvel, dado que a relação automóvel por habitante no Brasil ainda é baixa quando comparada a países da Europa ou Estados Unidos. O problema está no fato de termos planejado as vias de nossas cidades para facilitar o deslocamento do veículo motorizado individual, mais que o coletivo.

Diante desses fatos, o que deveremos fazer doravante?

Acreditamos que, do presente para o futuro, temos o dever de viabilizar a cidade para facilitar o deslocamento das pessoas, mais que dos veículos. São as pessoas que precisam se deslocar. Esta é a mudança, a nova forma de planejar a cidade. É o novo paradigma, em que a pessoa é mais importante que o carro. Ganham prioridade os pedestres, ciclistas e o transporte coletivo.

Diante dessa mudança, a via urbana precisa ser repactuada e repensada no seu uso, na sua divisão entre as várias possibilidades de deslocamento. Até hoje, a prioridade foi do transporte motorizado. Agora, também o transporte não motorizado deve ser considerado. Preparar a cidade para o pedestre será um passo importante. Caminhar é a forma mais econômica, saudável, segura e ambientalmente correta de se deslocar. Assim, a calçada precisa ser vista como uma via e integrada a ela. Tem que fazer parte do planejamento da cidade. Hoje, a calçada é do proprietário do terreno e, normalmente, não atende às normas. Além disso, nela se coloca um conjunto de utilitários como postes, propagandas, árvores sem plantio adequado, iluminação, esgoto, água, lixo, entulhos, degraus etc., que se transformam em barreiras para seus usuários.

Outro passo importante é preparar as vias para o ciclista. Ciclovias, ciclofaixas, sinalização, conexão entre as vias, facilitação nos cruzamentos, bicicletários, lugares adequados e seguros para a troca de roupas em terminais, lojas, shoppings e fábricas potencializarão a opção por este meio de transporte.

O compartilhamento e priorização da via para transporte coletivo com usos planejados para longas distâncias (por meio de trem, metrô, veículo leve sobre trilhos ou pneus) e curtas distâncias (por meio de ônibus, micro-ônibus e vans), para grande, média ou pouca quantidade de pessoas, para velocidades específicas por tipo de atuação, é uma necessidade presente e futura.

O usuário do carro também precisa ser considerado, mas deve ser estimulado a utilizar outros meios de transporte porque são mais econômicos, confortáveis, seguros e mais rápidos.

Estes são os desafios para os futuros governantes de nossa cidade. Joinville é e será um importante polo econômico de Santa Catarina. Mesmo com o desenvolvimento das cidades vizinhas, atributos como lazer, escolas, universidades e comércio levarão as pessoas a morarem na cidade e trabalharem nas outras regiões. A conurbação é um fato concreto.

A abordagem sobre este novo modo de pensar a mobilidade urbana e as questões pontuadas no texto visam a trazer o leitor para o debate da temática e para a análise das propostas dos candidatos a prefeitos em Joinville e região.

“

Acreditamos que temos o dever de viabilizar a cidade para facilitar o deslocamento das pessoas, mais que dos veículos. São as pessoas que precisam se deslocar. Esta é a mudança, o novo paradigma, em que a pessoa é mais importante que o carro.

”

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.